

Transcrição da entrevista da Wycliffe Global Alliance com James Poulter, em 10 de junho de 2025.

Jim Killam: Qual seria a melhor maneira de descrever você e o que você faz? Quero dizer, eu vi sua biografia e tudo mais, mas qual seria uma maneira rápida de descrever por que estamos conversando?

James Poulter: Acho que eu mesmo tenho lutado com definições recentemente, mas diria, de maneira geral, que sou consultor. Passo meu tempo ajudando empresas, ministérios e organizações de todos os tipos a realmente lidar com o desafio da inteligência artificial e como ela pode remodelar a maneira como trabalham e também o que significa trabalhar. Estou profundamente preocupado com a ética e como podemos usar essa tecnologia de forma responsável para permitir o florescimento humano, ao mesmo tempo em que obtemos todos os benefícios administrativos e técnicos dessas ferramentas que estão surgindo. Então, é mais ou menos daí que eu venho e, historicamente, passei muito tempo fazendo isso em várias revoluções tecnológicas anteriores no espaço de aplicativos e no espaço digital nas mídias sociais e, depois, voltei para a transmissão e os primórdios de coisas como podcasting. Essas são, por assim dizer, as ferramentas do meu ofício.

JK: Sim. Então, é justo dizer que você se sente confortável com a disrupção e em descobrir o que tudo isso significa?

JP: É isso que sempre tentei fazer: tentar dar sentido para as pessoas a todas as coisas técnicas que existem por aí. O que isso realmente significa para você como pessoa que vive neste planeta e como isso afeta o que você vai fazer amanhã? Não as coisas que você vai fazer daqui a 10 anos. Nenhum de nós pode saber realmente como será, mas como isso vai mudar amanhã, na próxima semana, no próximo mês, talvez? Sim. Mais ou menos no próximo ano, mas operando em tempo real, por assim dizer.

JK: Bem, acho que o que gostaríamos de fazer com isso é uma espécie de visão geral minimamente técnica da IA. Grande parte do nosso público é composta por líderes organizacionais de todo o mundo, e eles certamente estão cientes da IA e provavelmente a estão usando de alguma forma mínima. Mas, ao ouvir a Missional AI Summit e outras coisas que li recentemente, isso está sendo retratado como uma mudança global que vai transformar o mundo. E enquanto trabalhava nas matérias da Missional AI Summit, contei a alguns amigos o que estava aprendendo sobre isso e como isso vai ser grande. E vários deles me disseram: “Você está ficando obcecado com isso. Já chega”. Então, ainda existe esse elemento de pessoas que realmente não pensam muito sobre isso ainda ou não estão cientes, especialmente cristãos que não estão imersos nesse mundo. O que você diria a eles sobre os próximos anos e como suas vidas podem mudar?

JK: Eu diria que tudo o que fazemos no dia a dia, semana após semana, está em jogo quando se trata de IA, sujeito a mudanças disruptivas. Isso não significa necessariamente que tudo parecerá diferente, porque, na verdade, o ritmo das mudanças na maior parte da vida é muito mais lento. Mas se você pensar em todas as coisas que faz todos os dias que envolvem um computador de alguma forma ou que são influenciadas pela tecnologia, acho que tudo isso está prestes a mudar significativamente nos próximos anos. Mesmo no nível mais básico, o que significa usar os

dispositivos que temos? O que isso significa, você sabe, em nossas vidas? Seja entrar no carro e pegar o volante agora, ou entrar no carro e dizer a ele para onde ir no futuro. Ou sentar na frente de um computador e tentar comprar detergente para a lavanderia no sábado que vem, em vez de navegar no site do Walmart e adicionar algo ao carrinho, provavelmente será conversar com a IA do Walmart e ela fará isso por você. Ou, mais provavelmente, ela já fez isso por você em segundo plano. Ela simplesmente aparece na hora certa, com o preço mais recente, com o melhor desconto disponível e também três outras coisas que você não sabia que precisava, mas que acabaram sendo úteis para você. E no trabalho, acho que será como nós, você sabe, passando muito mais tempo conversando uns com os outros com uma IA na sala ouvindo e, em seguida, conversando com essa IA para nos ajudar a tomar as decisões do dia, em vez de termos que fazer um monte de processamento de dados e manipulação de informações. E então, em nossas vidas sociais, em casa e na igreja, acho que isso significa que teremos muito mais tempo para nos aprofundar em algumas dessas coisas, mas também onde haverá desafios reais para o que será o relacionamento na década de 2020, bem, certamente na década de 2030, porque alguns de seus amigos terão amigos de IA e alguns de seus amigos tentarão se casar com amigos de IA, talvez, e seus filhos provavelmente terão tutores de IA com quem conversarão provavelmente com mais frequência do que o professor ensina em sala de aula. E isso vai mudar nosso comportamento e nossos relacionamentos e o que significa estar em um relacionamento em comunidade uns com os outros de maneiras que ainda não podemos ver completamente, porque também não sabemos o quanto vamos resistir a isso e quantas barreiras vamos criar ou quão abertamente as pessoas vão abraçar isso. Portanto, acho que, para certos setores da sociedade, as coisas vão ficar muito estranhas muito rapidamente e, depois, vamos passar muito tempo tentando resolver isso.

JK: Sim, a ideia de “muito rapidamente” é outra coisa que eu ia perguntar a você. Obviamente, já passamos por períodos de grandes mudanças, mas talvez mais graduais do que parece agora. Você acha que as pessoas estão percebendo a rapidez com que isso está acontecendo?

JP: Não, acho que não. Não é que as pessoas não estejam dizendo a elas. Você sabe, se você ler os principais jornais todos os dias e ler as previsões, mas a realidade é que a maioria das pessoas não lê jornais todos os dias. E a realidade é que a maioria das pessoas ouve as previsões e diz: “Não, não, isso é ficção científica. Isso nunca vai acontecer. Meu emprego nunca vai acabar, meu emprego está seguro. Meu emprego nunca será afetado”. E eu acho que elas não estão prestando tanta atenção quanto deveriam. Porque era isso que as pessoas diziam sobre as redes sociais quando elas surgiram, certo? ... Se eu tivesse dito a você que os jovens com menos de 25 anos passariam mais de seis horas por dia vendo fotos dos amigos no Instagram, em 2008, teríamos respondido: ‘Você está louco. Não temos banda larga. Isso custaria uma fortuna. Meu plano de dados nunca daria conta’. E também: ‘Quem vai tirar todas essas fotos? O que eles vão fotografar? Nenhum dos meus amigos é tão interessante assim. Eles não fazem nada de mais.’ E, no entanto, aqui estamos nós.

JP: Então, acho que subestimamos enormemente a mudança que vai acontecer nos próximos dois a quatro anos. E também superestimamos enormemente nossa capacidade de gerenciar essa mudança. E é aí que estamos agora, entre esses dois tipos de realidade. Essa tecnologia já está aqui.

JK: Sim.

JP: A maior parte da tecnologia que vai transformar a forma como trabalhamos na próxima década não requer superinteligência. Nem sequer requer inteligência artificial e geral. Ela já está aqui, de certa forma. Só não foi adotada em grande escala pela maioria das pessoas, pela maior parte da economia. Portanto, mesmo que não se tornasse mais inteligente, mas todos nós a utilizássemos em todo o seu potencial, veríamos mudanças radicais. Mas é claro que não vai parar onde estamos agora. Acho que todas as previsões são positivas em termos de computação, capacidade, velocidade e inteligência, se você quiser usar essa palavra — embora provavelmente não seja a palavra certa, na verdade, já que esses modelos não sabem realmente nada, mas são capazes de fazer algo que se parece com o que atribuímos uns aos outros como inteligente.

JK: Como você estaria pensando nos líderes ministeriais, novamente, grande parte do nosso público. Que conselho você daria a eles sobre o que devem fazer? Suas vidas são cheias de outras responsabilidades, mas em termos de aprender e se envolver com IA, algum conselho sobre o que eles devem pensar?

JP: Bem, eu questionaria se a vida dos líderes ministeriais é cheia de responsabilidades ou se é cheia do fardo da administração de algumas responsabilidades.

Acho que a maioria dos líderes hoje em dia — e não me refiro apenas às igrejas, mas também às pequenas empresas — pessoas que lideram organizações sem fins lucrativos, a maioria delas entrou no que está fazendo para realizar um conjunto muito específico de coisas pelas quais são apaixonadas. E a realidade de liderar em qualquer um desses contextos é que você passa 90% do seu tempo administrando os 10% das coisas que mais te entusiasmam.

JK: Sim.

JP: Seja equilibrando um orçamento, fazendo um projeto de reforma, reformando a casa do pastor, encomendando novas cadeiras, garantindo que haja papel toalha azul suficiente na cozinha para o domingo de manhã, você sabe, essas são as coisas que realmente preenchem os dias da maioria das pessoas que lideram no ministério ou no mundo sem fins lucrativos e também no mundo dos negócios. E muito pouca parte da semana... Posso lhe dizer, e você sabe disso, que a maioria dos pastores, pastores líderes, pastores professores que conheço, mesmo com grandes equipes, ainda gastam significativamente menos tempo por semana planejando seus sermões do que gostariam.

E por que isso acontece? Bem, porque eles estão ocupados com o que chamo de administração. É o fardo da administração. E acho que essa é a oportunidade aqui: se a IA pudesse lhe devolver 20% da sua semana, o que você faria com esse tempo? Essa é a verdadeira questão. O que você faria se ela lhe devolvesse 50% da sua semana? Eu sei o que faria, coisas que sei que são importantes, mas elas nunca são importantes o suficiente para que eu chegue a fazer, porque o peso das coisas urgentes muitas vezes atrapalha. E esse é o potencial, eu acho, que se todos esses líderes que ouvem ou leem isso simplesmente assumissem a responsabilidade de prestar tanta atenção em aprender isso quanto aprenderam a refinar um slide do PowerPoint ou navegar pela plataforma de arrecadação de fundos de doadores, eles descobririam que têm muito mais tempo para fazer as coisas que consideram realmente importantes. Acho que essa é a verdadeira

oportunidade. Ao mesmo tempo, existem alguns riscos que provavelmente também podemos discutir. Mas acho que há um enorme oportunismo.

JK: Você já observou alguma hesitação em fazer isso? Talvez eles tenham medo da curva de aprendizado, ou não sei o que seria, mas o que você acha que é essa hesitação?

JP: Então, acho que vemos em algumas pesquisas que fizemos com nossos parceiros da Gloop e outros que, particularmente para aqueles que estão liderando ministérios, eles operam em dois extremos do espectro. Já temos alguns superusuários, pessoas que estão totalmente acostumadas a usar as coisas o tempo todo, mas isso provavelmente representa 10 a 15% em uma extremidade do espectro. No outro extremo, há um tipo de grupo de objetores conscientes que basicamente dizem: “Acho que isso é maligno. Tem 666 no código. Não vou nem chegar perto disso”. E eles estão, em sua maioria, convencidos por motivos éticos ou teológicos de que isso é errado. A verdadeira oportunidade, eu acho, está no grupo do meio, que é o da maioria das pessoas, que tem algumas coisas que fazem todos os dias, todas as semanas, todos os meses ou todos os trimestres que tomam muito mais tempo do que gostariam de gastar. E você tem que fazer isso regularmente, e acho que a promessa de grande parte dessa automação generativa e da capacidade da IA agente é tirar o peso das coisas que são fáceis de prever, sistematizadas, orientadas por processos, não criativas, e assumir essa tarefa por você. Assim, você pode se concentrar nas coisas que são o oposto disso, que são as coisas confusas, você sabe, as coisas das pessoas, as coisas do pensamento e da espiritualidade. Essas são as coisas nas quais precisamos que nosso pessoal se envolva com muito mais frequência do que a vida moderna permite.

JK: É uma pergunta um pouco ampla, mas talvez possamos nos concentrar em algumas coisas. O que você acha que a IA significará para a tradução da Bíblia nos próximos, digamos, cinco anos?

JP: Bem, estou muito animado com o trabalho que a rede ETEN está fazendo, com os laboratórios bíblicos e com essa missão de tentar traduzir as últimas línguas que ainda não foram traduzidas. A verdadeira questão é o que fazer com aqueles que estão fazendo esse trabalho, porque acho que é um trabalho que tem uma data de término, quando será concluído de alguma forma, e acho que essa data está se aproximando — muito, muito mais perto com a IA.

Porque parece um problema que deve poder ser resolvido. A verdadeira questão é: o que esses tradutores farão depois disso? E realmente acho que é para isso que eles devem se preparar. Podemos ver alguns avanços computacionais nos próximos 24 a 36 meses, o que significa que a missão de estar em todas as tribos e nações será realmente cumprida até 2030, certamente no início da década de 2030. Isso não está tão longe assim. E acho que muitas dessas organizações precisam pensar radicalmente sobre como começar a pensar não apenas em tradução, mas em exposição, explicação, contexto cultural e no trabalho de evangelismo e discipulado.

É nisso que esses ministérios precisarão se concentrar nos próximos anos, além de manter a relevância cultural desses diferentes textos. A compreensão cultural, a fluência cultural, acho que é a grande habilidade que os seres humanos possuem e que uma IA não pode replicar — que é ser capaz de viver o momento e compreender o mundo à medida que ele se revela para nós em todos os diferentes bolsões, idiomas e maneiras que ele emana. E sabemos que a IA não está em todos os lugares o tempo todo, porque a realidade é que o mundo é um lugar muito diversificado.

E acho que aqueles que trabalham com tradução provavelmente sabem disso melhor do que a maioria — que existem grupos, pessoas e lugares no mundo que esses modelos não alcançam, que eles não representam, cujo conhecimento não é capturado por eles. E acho que eles têm uma grande oportunidade de servir essas comunidades, sendo os ouvidos, os olhos e as palavras dessas pessoas nesses lugares e, em seguida, trazendo-as para as plataformas tecnológicas para ajudar a garantir que tenhamos o que chamo de DEI real — e que DEI é equidade e inclusão digital — que realmente precisamos que todas as pessoas tenham acesso a toda a inteligência do mundo, caso contrário, ninguém será tratado de forma justa. E é isso que eu acho que é a verdadeira oportunidade para os tradutores, não traduzir as palavras, mas traduzir as culturas desses lugares para que o mundo inteiro possa se beneficiar do aprendizado e da experiência deles sobre o que significa ser pessoas caminhando pelo planeta, sabe? Essa é a verdadeira oportunidade para um tradutor neste momento. Não se trata necessariamente das nuances da linguística ou da hermenêutica. Trata-se de interpretar a cultura. Para mim, é isso que me entusiasma.

JK: É interessante também que esse conjunto de habilidades seja muito diferente do que essas organizações ministeriais precisaram ao longo dos anos. Ou talvez tenha havido alguma necessidade disso, mas em grande parte tem sido mais sobre traduzir textos literalmente e coisas do gênero. Que tipo de habilidades você acha que as organizações de tradução da Bíblia vão precisar nos próximos anos que talvez não tenham muito agora?

JP: Bem, ainda precisamos de linguistas, porque esses modelos são treinados com grandes quantidades de dados, e esses dados são linguagem, e a linguagem é sutil e variada. E, embora muitos deles tenham se concentrado na tradução de um conjunto muito específico de textos, há muitos outros textos no mundo que precisam ser traduzidos e também gerados. Portanto, acho que haverá uma grande oportunidade no futuro para os linguistas serem os responsáveis pela verificação de fatos e culturais dos resultados desses modelos, à medida que eles se tornarem os responsáveis pela transformação literal de um idioma para outro. Também precisamos garantir que essas IAs produzam uma IA confiável para o florescimento humano, e esse é o trabalho que tenho feito com a equipe da Gloo, pensando em como podemos construir alguns modelos que realmente façam isso. Mas, é claro, esses modelos, predominantemente no momento, estão ajudando a atender ao mundo ocidental de língua inglesa e talvez um pouco ao mundo de língua latina. Mas, como sabemos, existem centenas, milhares de idiomas ao redor do mundo que precisam ser atendidos. Portanto, acho que esses linguistas ainda terão um papel importante a desempenhar, mas devem se preocupar menos com a tradução de um idioma para outro e mais com a transcrição do que esses modelos sabem.

JK: Sim. Com a construção desses enormes LMs cristãos, você acha que isso acabará se tornando uma fonte centralizada ou que haverá muitos deles que, de alguma forma, funcionarão juntos?

JP: Acho que haverá muitos deles... e acho que deveria haver muitos, porque acho que precisamos de diversidade de pensamento e não acho que queremos um mundo onde todo esse conhecimento seja controlado por um único ator. Acho que é bom e saudável ter uma abordagem ecossistêmica para isso, e encorajamos aqueles que estão trabalhando com os modelos a trabalhar

com eles de forma responsável, mas também a desafiar aqueles que os estão produzindo para garantir que tenhamos uma variedade de pensamentos. E simplesmente porque há muito trabalho a ser feito e muitas oportunidades, especialmente quando você pensa além do texto para texto — ser capaz de produzir texto —, mas coisas como ser capaz de produzir vídeo, ser capaz de produzir conteúdo de áudio a partir dessas coisas e também ser capaz de produzir assistência a partir delas. Coisas com as quais você pode conversar e que respondem. Vamos precisar de uma variedade de modelos diferentes para diferentes casos de uso que tenham conhecimento, precisão, domínio e compreensão diferentes. Portanto, acho que queremos um ecossistema e queremos um ecossistema diversificado, mas também alinhado com o florescimento humano e valores nos quais podemos confiar para obter resultados confiáveis, especialmente quando se trata de tópicos teológicos.

JK: Eu estava lendo o artigo sobre IA 2027 que você inseriu no Claude, que é bastante fascinante. Ele parece defender que pode haver uma espécie de LM cristão central que aborda tudo isso. Mas talvez isso seja tendencioso.

JP: Bem, sim, talvez isso seja um pouco tendencioso. Acho que parte dessa tendência provavelmente vem do artigo original que ajudei a usar para formar essa ideia. Porque essa também é a visão de grande parte da literatura científica sobre IA: que, uma vez que você atinge a superinteligência, você não precisa de mais do que uma. Por definição, ela é capaz de fazer tudo. Então, por que você precisaria de uma segunda? Mas, é claro, sabemos que, na verdade, muitas vezes precisamos de concorrência nesses mercados. Não somos grandes fãs do monopólio, e também precisaremos de sistemas que funcionem em jurisdições internacionais com diferentes estruturas de governança e que também sejam protegidos por diferentes direitos. Portanto, não acho que vamos acabar com um único tipo de situação global. Da mesma forma, também não acho que queremos uma situação semelhante à Torre de Babel. Portanto, acho que queremos pessoas confiáveis e pioneiras que estejam fazendo esse trabalho em diferentes lugares do mundo, para diferentes idiomas e grupos de pessoas, que sejam profundamente empáticas com as necessidades dessas comunidades e culturalmente fluentes no que é apropriado para elas. Caso contrário, as pessoas ficarão limitadas porque não serão capazes de compreender as nuances do texto e as nuances das situações em que as pessoas estão buscando apoio. Portanto, acho que precisamos de variedade, com certeza.

JK: Então, você está dizendo que certamente os tradutores da Bíblia não ficarão sem trabalho tão cedo, nada disso. E nós, na Aliança, estamos definitivamente mudando para uma mentalidade de engajamento, em vez de simplesmente iniciar novos projetos, porque, como você disse, em cinco a dez anos, estaremos realmente no fim dessa estrada. Mas há muitas outras estradas que continuam.

A Aliança realiza um Encontro Global a cada quatro anos. Acabamos de fazer um em novembro passado, em Joanesburgo. E todos nós pensávamos a mesma coisa: que isso vai parecer radicalmente diferente daqui a quatro anos. Tínhamos pessoas falando muitas línguas diferentes. Tínhamos pessoas sentadas em cabines de interpretação e falando com pessoas com fones de ouvido ao redor das mesas. Você pode me dar um cenário de como seria um encontro como esse daqui a quatro anos?

JP: Sim. Uau. Quero dizer, como seria? Acho que seria como se não estivéssemos mais limitados pelos idiomas que as pessoas falam na sala. Acho que provavelmente seria como se a maioria de nós pudesse ter uma conversa fluente quase em tempo real, em voz alta ou digitalmente, naquele espaço. Acho que provavelmente significaria que teríamos palestrantes de lugares ao redor do mundo que antes não estavam disponíveis para nós. Não porque eles não existissem ou não soubessem dos nossos eventos, mas porque nós não sabíamos deles. Porque a barreira do idioma está prestes a ser derrubada de uma forma massiva. Pense nisso: muitos dos grandes criadores de conteúdo do YouTube hoje podem se tornar virais em outro país se simplesmente traduzirem seu conteúdo para outro idioma, porque há uma escassez de pessoas fazendo esse trabalho nesses mercados. Mas também existem influenciadores que são famosos apenas na Ucrânia ou apenas na Alemanha, e eles estão prestes a ter a oportunidade de se tornarem globais em sua notoriedade e seu conhecimento será desbloqueado, porque eles não estão mais limitados pela língua materna. Então, acho que vamos ver isso.

E também acho que a presença digital em si vai mudar também. No ano passado, participei de um evento com CV ([visão computacional](#)) em Atenas e tivemos um apresentador virtual no palco que estava basicamente em uma caixa holográfica no palco fazendo a apresentação. E foi incrível. Mas também estamos vendo, pelo trabalho que fazemos com eles, que estão produzindo avatares digitais de pessoas que não existem, porque precisam alcançar grupos de pessoas para os quais seria perigoso aparecer na câmera e contar sua história. Assim, podemos criar réplicas dessas pessoas por meio de avatares. E então acho que teremos apresentadores avatares que talvez sejam réplicas de pessoas reais, mas seria perigoso para elas falarem de seu contexto cultural para o nosso. Assim, você pode estar em algum lugar no Rajastão, onde pode estar sendo oprimido, e pode estar falando em um palco em Dallas virtualmente, com um rosto diferente e uma voz diferente, mas ainda sendo o autor. Em tempo real, com uma presença que parece que você está na sala. Acho que todas essas coisas se tornarão possíveis muito, muito em breve. Acho isso empolgante.

JK: É impressionante, não é? Quando você percebe novamente como tudo isso está mudando rápido. Fiquei muito interessado no artigo sobre IA 2027 e na perspectiva do fim da humanidade. Não sei se muitas pessoas compartilham dessa opinião, mas vejo muitos pesquisadores e especialistas em IA sendo entrevistados e dizendo que isso é realmente perigoso e que pode ser o fim dos tempos. Qual é a sua opinião sobre esse tipo de previsão e cenário?

JP: Quero dizer, sempre acho que não é uma chance zero, em alguns aspectos. Já fizemos coisas terríveis com a tecnologia no passado que nos levaram bem perto do abismo e depois conseguimos voltar atrás. Também acho que, à medida que essa ameaça cresce — o que inevitavelmente pode continuar a crescer a partir de onde estamos hoje, mas não necessariamente resultará nessa eventualidade —, acho que, de modo geral, as populações tendem a se levantar e tentar governar e gerenciar isso da mesma forma que fizemos com — a analogia usual é com armas nucleares, ou você poderia dizer a internet em um sentido mais geral. Ou, você sabe, governar outros usos da tecnologia que interferem em nossas vidas privadas, coisas como edição genética e outras tecnologias que desafiam alguns de nossos entendimentos fundamentais sobre a ética humana. Mas isso não significa que temos um histórico 100% correto. Portanto, é claro que

existem possibilidades. Acho que seríamos preguiçosos ou ingênuos em supor que não há 100% de chance de que isso sempre dê certo (ou errado).

Ao mesmo tempo, acho que acreditamos em uma narrativa melhor do que essa. Acho que é por isso que precisamos desse tipo de voz neste debate, porque não acho que seja isso que esperamos que aconteça. Minha leitura dos evangelhos e do Apocalipse não me dá a ideia de que é aí que vamos parar. Mas vale a pena estar ciente de que muitos danos podem ser causados se não forem controlados, muito antes de chegarmos perto da extinção e aniquilação total da humanidade. Ainda há muitos danos que podem ser causados, por isso temos que ser cautelosos com essas coisas. Temos que ter cuidado.

E o que eu sempre defendo, e tenho escrito muito recentemente, é que acho que precisamos fazer um trabalho muito melhor na educação do público sobre esses riscos. Não os existenciais, nem mesmo sobre sustentabilidade ou controle de modelos ou qualquer coisa desse tipo, mas apenas os riscos pessoais. Da mesma forma que não educamos as pessoas sobre os riscos pessoais das mídias sociais há uma década e agora estamos pagando o preço por isso. Acho que o trabalho que Jonathan Hight e outros estudiosos nessa área estão fazendo agora em torno dos smartphones e do efeito que eles têm nas redes sociais, especialmente nos jovens, precisamos divulgar agora, com os mesmos tipos de alertas de saúde pública e educação, para evitar esses riscos existenciais que não poderíamos ter previsto de outra forma. E devemos aprender a lição. Essa é minha maior preocupação, que não aprendamos que há uma chance muito maior de a IA ter um efeito disruptivo importante na sociedade, que não envolve uma destruição total, mas é igualmente disruptivo se não for bem gerenciado.

JK: Uma coisa que vejo faltando em muitas dessas previsões sombrias é uma perspectiva espiritual sobre tudo isso e talvez o papel da igreja, a pequena igreja global. Foi interessante você pegar esse relatório, apresentá-lo a Claude e criar um cenário de fé. O que você achou do resultado, em termos do que esperava? Alguma coisa te surpreendeu no resultado final?

JP: Não acho que fiquei surpreso com a capacidade dele de realizar a tarefa, mas com o que ele produziu — surpreso provavelmente não é a palavra certa. Acho que foi interessante porque confirmou muitos dos meus próprios pensamentos e previsões sobre onde podemos chegar com isso. Obviamente, havia um certo viés, no sentido de que ele estava usando o artigo original da AI 2027 como ponto de partida. E eu não diria que isso retrata uma visão particularmente positiva de como o mundo vai evoluir. Acho que há partes dele, e estou tentando lembrar quais aspectos foram talvez mais desafiadores do que outros. Coisas como a frequência a igrejas digitais e coisas do gênero acho que têm sido algo que nos preocupa há algum tempo. Ouvi há algumas semanas no [podcast Hard Fork](#), acho que era do New York Times. Demis Hassabis, que é o CEO da Google Deep Mind, que era a equipa Deep Brain. ... Ele foi questionado por Casey Newton, da plataforma, se achava que a IA iria dar origem a algum despertar espiritual. E a opinião de Demis foi que sim, que provavelmente haveria uma busca pelo transcendental muito mais do que nunca, porque essa tecnologia nos desafia a pensar sobre as coisas de uma maneira que outras tecnologias não fizeram anteriormente. Achei isso interessante. Acho que suas palavras exatas foram que precisamos de tantos teólogos quanto tecnólogos pensando sobre essas coisas.

Então, sim, em alguns aspectos, não estou surpreso, porque acho que isso é exatamente o que esperamos de uma tecnologia tão difundida quanto a IA — que ela desafie muitas das nossas preconcepções sobre o que é normal.

JK: Talvez, para encerrar, eu faça uma variação de uma pergunta que fiz antes. O que a igreja deveria estar fazendo agora que não está?

JP: Acho que uma das coisas que devemos fazer é não ter medo. Devemos abraçar o máximo possível dessas coisas para nos tornarmos o mais eficazes possível na busca de nossa missão, ao mesmo tempo em que protegemos o florescimento humano. Isso significa traçar alguns limites, ser claro sobre o que eles são e educar as pessoas sobre como permanecer dentro desses limites e diretrizes, da mesma forma que faríamos com qualquer outra coisa na vida, porque acreditamos que devemos defender uma narrativa melhor. É isso que acho que devemos fazer. E, na prática, isso significa sim, abraçar as ferramentas e tornar a vida mais fácil para os líderes, congregações, membros da equipe e todos os outros. E, ao mesmo tempo, também educar nossas comunidades sobre as maneiras potenciais pelas quais essa tecnologia moldará a forma como trabalham, vivem e se educam mutuamente, porque isso vai mudar muito e não queremos ficar para trás.

JK: Bem, acho que essa é uma conversa útil para levar algumas pessoas nessa direção. Muito obrigado, James.

JP: Fico feliz em ter essa conversa, Jim, obrigado.

JK: Isso é fascinante. Agradeço o que você está fazendo e algumas das informações que está divulgando. Tenho assistido e lido muito sobre isso. Às vezes, você se sente sobrecarregado com a quantidade de coisas que há para aprender.

JP: Sim, eu também sinto isso. E você sabe, há um peso que vem com esse assunto, porque ele está mudando muito rápido e eu sinto uma responsabilidade de ficar por dentro dele. Mas espero que, se todos nós começarmos a nos dedicar um pouco mais e aprender sobre isso, tudo fique mais fácil.

###